



EXPRESSO/ATUAL – 5 de Maio de 2012

A TEIA DE GELO

de Nicolau Breyner

com Diogo Morgado, Margarida Marinho, Paula Lobo Antunes

Algures em São Tomé, um homem dá, via internet, um golpe de milhões num magnate que não terá feito fortuna por meios lícitos. Voa para Portugal, ao encontro da namorada que, numa breve cena de piscina, diz que se excita com a ideia de clandestinidade (ela não diz exactamente isto, usa uma expressão muito mais crua, como é próprio dos argumentistas lusos que pensam fazer filmes comerciais e supõem que os palavrões dão 'naturalidade' aos diálogos). Diga-se, desde já, que o homem que ficou sem os milhões é muito esperto – e põe uns quantos cães de fila (e até, oh! inevitabilidade do lugar-comum, uma mulher fatal) no encalce do protagonista. O cenário muda dos trópicos para a serra da Estrela coberta de neve (bons efeitos especiais) onde a perseguição decorre, antes que o fugitivo se abrigue numa mansão isolada onde começam a acontecer coisas estranhas (a maior das quais é a Paula Lobo Antunes a ir meter-se na cama do rapaz, noite sim, noite sim). Não vou contar mais porque, neste ponto, "A Teia de Gelo" deixa de ser uma história vagamente de ladrão que rouba a ladrão e tem uns capangas à perna, para uma história vagamente de fantasmas, com Margarida Marinho a exhibir sorrisos enigmáticos, a velha criada Elisa Lisboa sempre com cara de caso, o caseiro Nuno Melo a afixar a máscara do brutamontes capaz de tudo e o protagonista, Diogo Morgado, a fazer caretas para mostrar estranheza, ou angústia, ou irritação, julgando que está a representar. O mais insondável da coisa é que Nicolau Breyner, profissional experiente, deve saber perfeitamente que nada daquilo faz sentido, a começar no argumento dois em um e a acabar no 'despachemo-nos que se faz tarde' com que tudo é filmado. Medonho! **J.L.R**

